

UMA ANÁLISE DESCRITIVA DOS ÓBITOS OCORRIDOS NAS CIDADES DE MANAUS, PORTO VELHO E RIO BRANCO, NOS ANOS DE 2008 A 2011

A DESCRIPTIVE ANALYSIS OF DEATHS THAT OCCURRED IN THE CITIES OF MANAUS, PORTO VELHO AND RIO BRANCO, IN THE YEARS 2008 TO 2011

ELYSEU SANTOS MONTARROYOS¹

ANAGALI MARCON BERTAZZO²

RESUMO

A morte é algo que assusta uma população, principalmente quando é causada pela violência. Isso traz consequências desastrosas à sociedade, à segurança pública e à dignidade da pessoa humana. O objetivo do texto foi fazer uma análise descritiva das mortes decorrentes de causas externas ocorridas nas cidades de Manaus, Porto Velho e Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011. Neste sentido, verificou-se o número de óbitos violentos por faixa etária de cada cidade estudada e sua respectiva população. Posteriormente, calculou-se a taxa específica de mortalidade para verificar a frequência com que ocorrem os óbitos em uma determinada população. O método adotado foi de coleta de dados e análise dos resultados, buscando descrever e explicar textos doutrinários e dados de sítios eletrônicos oficiais, e qualitativa e quantitativa quanto à forma.

PALAVRAS-CHAVE: Dinâmica da criminalidade; Mortes violentas; Óbitos por causas externas; Taxa específica de mortalidade.

ABSTRACT

The death is something that scares a population, especially when it is caused by violence. This brings disastrous consequences to society, to public security and to dignity of the human person. The purpose of the text was a descriptive analysis of deaths caused by external causes occurred in the cities of Manaus, Porto Velho and Rio Branco in the years 2008 to 2011. In this sense, checked that the number of violent deaths by age group in each city studied and their respective population. Subsequently, it has been calculated the specific rate of mortality for to check the frequency of deaths in a given population. The method adopted was data collection and analysis of results, seeking to describe and explain doctrinal texts and official sites, and the qualitative and quantitative way.

KEYWORDS: Dynamics of crime; Violent deaths; Deaths by external causes; Specific rate of mortality.

¹ Mestrando em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. E-mail: elyseumontarroyos@hotmail.com

² Mestranda em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. E-mail: anagali.bertazzo@gmail.com

INTRODUÇÃO

A escolha dos municípios em estudo foi aleatória. Orienta-se a trabalhar com pequenas unidades geográficas para estudar o fenômeno de forma mais detalhada. Trabalhar com grandes unidades geográficas implica em obter um retrato das diferenças regionais médias ao passo dos Estados terem população, cultura e economia discrepantes. Nesse sentido, buscar-se-á limitar o estudo nos municípios de Manaus, Porto Velho e Rio Branco, embora tenham diferenças, trabalhando com os óbitos ocorridos por causas violentas.

O Datasus³ utiliza o termo “agressões” para designar os óbitos por causas externas. Essas mortes provocadas por agentes externos, denominadas de óbitos violentos, englobam os crimes que atentam contra a vida, podendo estar relacionados a outros delitos ou não. Mortes por causas naturais estão fora dessa classificação. Em virtude da seriedade e complexidade que se envolve a segurança pública, o estudo voltar-se-á às mortes violentas.

Ao tratar das taxas de mortalidade, questiona-se se o número total de óbitos tem correspondência a considerar uma cidade mais violenta⁴ que outra. Entretanto, alguns cálculos serão feitos para poder compará-los. A partir desses resultados poder-se-á demonstrar em gráficos e números a taxa específica de mortalidade de cada município em estudo.

Diante da grande preocupação com a vida das pessoas, o presente artigo servirá para melhores esclarecimentos a respeito do assunto e de fonte de pesquisa para outros estudos. O estudo servirá de reflexão a respeito dos dados estatísticos referentes às mortes e poderá ajudar as instituições públicas na formulação e implementação das políticas públicas.

O objetivo será analisar as mortes por causas externas ocorridas nas cidades de Manaus, Porto Velho e Rio Branco, buscando-se explicar e comparar os dados obtidos nos anos de 2008 a 2011. O método adotado será de coleta de dados e análise dos resultados, sendo, quanto ao fim, uma pesquisa descritivo-explicativa. Quanto aos meios, a pesquisa será bibliográfica e documental, com a utilização de textos doutrinários e dados de sítios eletrônicos oficiais, e qualitativa e quantitativa quanto à forma.

O trabalho científico será composto de quatro tópicos. O primeiro referente às questões demográficas, abordando sua transição e implicações no Estado brasileiro. O segundo tópico fará uma breve explicação a respeito dos indicadores da violência e dos dados estatísticos. Já o terceiro, explorará os óbitos advindos de causas externas com os dados de

³ Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil. Órgão da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde com a responsabilidade de coletar, processar e disseminar informações sobre a saúde.

⁴ Utilizou-se o termo “violência” como um conceito geral. Isso porque um ato pode ser considerado violento para alguns, mas para outros não. Não há um conceito preciso do que seria “violência”, sendo conceituado conforme o sujeito que a interpreta.

Manaus, Porto Velho e Rio Branco. No último tópico, serão feitas comparações entre as taxas brutas e específicas das cidades mencionadas.

1. QUESTÕES DEMOGRÁFICAS

O estudo da demografia, em seus diferentes aspectos e resultados obtidos, possibilita a proposição de meios para a implementação de políticas públicas adequadas a serem estabelecidas a curto, médio e longo prazo pelos gestores do Estado. Entre os componentes demográficos estudados encontram-se a mortalidade, fecundidade e migração.

A mortalidade tem como parâmetro os índices dos casos de óbitos. As mortes podem se dar sob diferentes aspectos, tanto por causas exógenas (causadas por fatores externos) e endógenas (fase intrauterina). Para este estudo, foram observados os casos que envolvem as mortes causadas por fatores externos. As causas externas ocupam lugar de destaque nas discussões de todo o mundo (NASCIMENTO, 2013), até porque sua ocorrência é provocada por ações ou omissões associadas ao ser humano.

São várias as circunstâncias que influem para o resultado do maior ou menor número de mortes. Tratando-se de mortes violentas percebe-se sua diferenciação de região para região, de acordo com o tempo experimentado. Seu estudo demonstra que a “mortalidade por homicídio não é peculiar ao mundo moderno” (NASCIMENTO, 2013). Os estudos indicam que fatores que implicam num objeto de análise podem se consubstanciar em concentração industrial, urbanização desregulada, falta de perspectivas, uso de drogas lícitas e ilícitas associadas às causas da violência e tem sido objeto de estudo para vários pesquisadores.

A análise de tais elementos permite a verificação dos movimentos que influenciam na prática criminosa ou que são determinantes desta. A análise criminal é talvez o maior vetor de produção de conhecimento específico para a gestão da segurança pública (MAGALHÃES, 2007).

O resultado deste conhecimento produz conclusões que permitem o planejamento da gestão de segurança pública que se estabeleçam a médio prazo (táticas) formulando uma crescente de ações para as atividades a longo prazo (estratégias) (MAGALHÃES, 2007).

Nascimento (2013, p. 21) acrescenta que:

Importante ressaltar que há um esforço na busca pela ampliação de conhecimento da causalidade da mortalidade por homicídios a fim de se operacionalizar práticas preventivas mais eficazes, tanto no que diz respeito a saúde quanto no setor de segurança pública, tendo em vista que são nesses setores onde as estratégias de prevenção devem ser intensificadas.

Esta é a conclusão também do relatório da UNODC (2011, p. 5), órgão da ONU que estudou as taxas de morte violenta em todos os países, assinado pelo diretor do órgão Yury Fedotov, *Director Ejecutivo*, em prefácio ao relatório, dizendo que o programa de desenvolvimento deveria incluir políticas orientadas a prevenir a delinquência, devendo esta ser prioridade para a consecução dos objetivos do milênio:

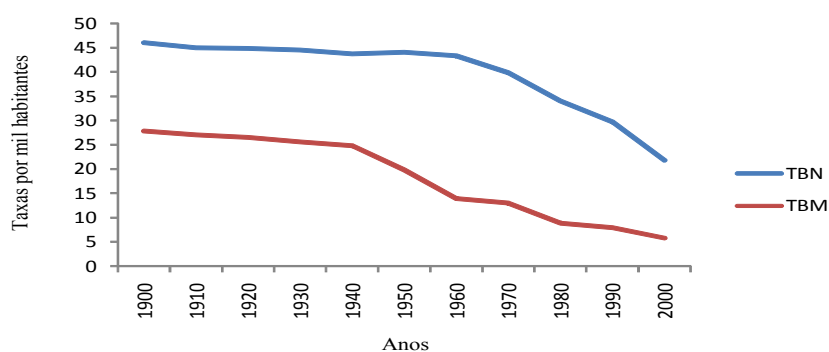
El programa de desarrollo debería incluir políticas orientadas a prevenir la delincuencia y fortalecer el estado de derecho en los planos nacional e internacional. La disminución de la delincuencia violenta debería ser también una prioridad para la consecución de los Objetivos de Desarrollo del Milenio, en particular en los países que registran tasas de delincuencia desproporcionadamente altas.

Neste breve estudo acerca das taxas de mortalidade nas três capitais apontadas interessa identificar se elas se equiparam, guardadas as diferenças populacionais, sem contudo passar-se ao estudo detalhado de suas possíveis causas, procurando estabelecer dentre elas as que mantêm maior índice de morte violenta, obtidas através da taxa de mortalidade pesquisada.

1.1. A TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA NO BRASIL

O gráfico abaixo mostra as taxas brutas de natalidade (TBN) e mortalidade (TBM) para o Brasil entre 1900 e 1998⁵. Nota-se que houve um declínio acentuado em ambas as taxas no século XX. Em 1900 a TBN era de 46 por mil, isto é, nasciam 46 crianças para cada mil habitantes. Já a TBM, para esse ano, era de 27,8 por mil, isto é, morriam 27,8 pessoas para cada mil habitantes. Em 1998, as taxas de natalidade e mortalidade tinham caído, respectivamente, para 21,8 e 5,8.

Gráfico 1 – Taxa bruta de natalidade (TBN) e taxa bruta de mortalidade (TBM) por mil habitantes, no Brasil, período de 1900 a 1998



Fonte: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS); IBGE – Censos Demográficos e Estimativas populacionais.

⁵ Consulta realizada nos sítios eletrônicos www.ibge.gov.br e www.datasus.gov.br, em 7 de dezembro de 2013.

Discorrendo acerca da transição demográfica brasileira, Alves (2002, p. 41) afirma que:

Segundo Hakkert (1984), o dramático declínio das taxas de mortalidade observado nos países latino americanos e no Brasil a partir dos anos de 1940 está relacionado com políticas explícitas de saúde e, especificamente, com o combate da malária, de outras epidemias e das doenças endêmicas. Ele dá destaque para o papel desempenhado pelas medidas de saúde pública e saneamento, tais como: campanhas de imunização, pulverização com inseticida para erradicar os vetores de doenças, tratamento com cloro da água potável, provisão de esgotos e água tratada, suplementação da dieta e remédios para combater as doenças infecciosas mais comuns.

Simões (1997, p. 6) afirma que “existem algumas causas de morte que são relativamente fáceis de serem controladas, mesmo em circunstâncias de baixo nível de desenvolvimento.” Assim, além de ser um desejo e empenho universal em reduzir a mortalidade, há doenças que podem ser evitadas utilizando meios de baixo custo.

O gráfico mostra que a fecundidade começou a cair a partir de 1960. Apesar do ritmo da queda ser desigual entre regiões e classes sociais, foi extremamente rápida a partir da década de 70.

Alves (2002, p. 42) afirma que:

Faria (1989) busca relacionar o declínio da fecundidade a processos de mudança institucional associados às políticas públicas promovidas pelo Governo Federal depois de 1964. Ele argumenta que quatro tipos de políticas foram estratégicas para o aumento da demanda por regulação e a conseqüente redução da fecundidade no Brasil, que são: 1) política de crédito ao consumidor; 2) política de telecomunicações; 3) política de previdência social; 4) política de atenção à saúde. Usando um arcabouço próprio dos enfoques culturais, ele considera que as políticas públicas influenciaram na queda da fecundidade agindo como ‘vetores institucionais’ (difusão) que são portadores de novos ‘conteúdos de consciência’ (inovação), mas foram conseqüências não antecipadas da ação governamental.

Outros fatores também contribuíram para a diminuição dos nascimentos, como os métodos contraceptivos, aumento do nível educacional, inserção da mulher no mercado de trabalho, novos entendimentos sobre a entidade familiar, entre outros.

Era preciso, portanto, conforme Felitti (2008, p. 517), “frenar la ‘explosión demográfica’ y sus desestabilizadores efectos sobre el sistema capitalista”.

Foucault (1988) salienta a atenção que os Estados, a partir do século XVIII, deram à população e não mais ao “povo” ou aos sujeitos. A tentativa de controle vai se pautar pelos objetivos e necessidades, podendo tomar uma direção natalista ou antinatalista. Conforme o mesmo autor (1988, p. 29), “entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e

disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análises e de injunções o investiram”.

O Brasil tem uma grande criminalidade devido a esse bônus demográfico. As políticas de educação, de saúde, de trabalho qualificado, entre outras, não acompanharam esse crescimento. Esse aspecto pode contribuir para a violência.

1.2. IMPLICAÇÕES DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA

Na transição demográfica, observa-se a redução da mortalidade infantil e o aumento da esperança de vida da população. Aquelas crianças e jovens que morriam precocemente já não sofrem com esse mal. Ao mesmo tempo, aquelas vidas são prolongadas por mais tempo, havendo um processo de envelhecimento da população.

Segundo Alves (2002, p. 44):

A principal implicação da transição demográfica, do ponto de vista da polêmica entre Malthus e Condorcet, é acabar com qualquer argumento técnico ou ideológico de que o crescimento populacional é um entrave ao desenvolvimento econômico e à erradicação da fome, da pobreza e da miséria. Se o crescimento da população não é semelhante a uma bola de neve morro abaixo, deixa de fazer sentido o argumento malthusiano de que ‘são os pobres que geram os pobres’. Tem-se de buscar em outro lugar os motivos do atraso econômico e da injustiça social. A população deixa de ser um álibi para aqueles que querem justificar o status quo e a desigualdade. Rompe-se a justificativa do círculo vicioso da pobreza sendo gerado pelos próprios pobres.

O conceito de jovens e idosos varia no tempo e no espaço, sendo que a dependência jovem não é a mesma da dependência idosa. Esses parâmetros acompanham a origem e sua inserção social.

Mas o fator que mais contribui para o envelhecimento da sociedade é a queda da fecundidade. Com isso, há uma mudança na estrutura etária da população. Alves (2002, p. 44) afirma que “a redução da fecundidade está relacionada, entre outras coisas, com o *‘trade off’* entre quantidade e qualidade dos filhos.”

Havendo a redução das taxas de fecundidade e conseqüente diminuição da população jovem e aumento da adulta, sem aumentar a idosa, significa uma redução na razão de dependência demográfica, que é definida pelo quociente entre a população dependente (jovens ou velhos) e a população potencialmente ativa (adulto). Conforme Alves (2002, p. 45):

A maior presença de uma população em idade de trabalhar representa um bônus demográfico, pois, na medida em que essas pessoas entram no processo produtivo, eleva-se a capacidade de poupança/investimento da

sociedade e amplia-se a base tributária sobre a qual o governo pode extrair fundos para a expansão da infra-estrutura social. Há, então, uma contribuição positiva e inequívoca da população para o desenvolvimento econômico.

O bônus demográfico só deixa de ter efeito na medida em que a permanente redução da fecundidade provoca, a longo prazo, uma elevação da população idosa.

Para Alves (2002, p. 45):

As desvantagens econômicas decorreriam da menor contribuição dos idosos no processo produtivo e da sua dependência da parcela economicamente ativa. Assim sendo, haveria um impacto negativo sobre a previdência social, devido à redução do número de contribuintes e à elevação do número de assegurados.

Portanto, a transição demográfica traz como consequência a mudança da estrutura etária e o envelhecimento da população.

Hoje, as pessoas estão tendo menos filhos, tornando a sociedade mais velha. Segundo índices do fundo das Nações Unidas, a fecundidade vem decrescendo, tendo países com taxa abaixo do nível de reposição (Alves, 2002). Dessa forma, a população jovem diminui e a velha aumenta. Os países ricos suprem a mão de obra com a imigração. Mas isso faz com que, nos países mais pobres que exportam esses trabalhadores, crianças cresçam sem pais, tendo maior propensão à criminalidade.

Caldwell (1982) argumenta que houve uma reversão de fluxo intergeracional de riqueza entre pais e filhos e uma mudança nas relações de gênero, que fortaleceram o papel da mulher e o seu tipo de inserção na família e na sociedade.

A fecundidade, isto é número de nascimentos, caiu. Mães estão trabalhando e qualificando-se mais. Quanto mais prósperos, os indivíduos desejam menos filhos. Os métodos contraceptivos e o divórcio também contribuíram para a diminuição da fecundidade.

Garland (2008, p. 192), expondo as mudanças na estrutura da família e do lar no período de recuperação econômica dos anos 80, comenta que houve o ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho e a queda da fertilidade a partir do pós-guerra. Afirma ainda que o número de separações aumentou, crescendo agudamente a quantidade de crianças que viviam em ambientes familiares com apenas um dos pais, o que trouxe novos problemas relacionados à pobreza infantil e feminina.

Nessa trilha, haverá um número maior de velhos. Ter mais idosos a jovens pode ser um problema para a população e o Estado.

Malthus (1983) argumentou que as altas taxas de mortalidade e fecundidade não poderiam ser reduzidas, já que eram as consequências de uma lei de população fora do

alcance da intervenção humana. A dinâmica populacional seria determinada por forças naturais e pelos desígnios da Providência, sendo que o crescimento populacional descomedido seria limitado pela tríade fome-doenças-guerra. “O mal existe no mundo não para criar desespero, mas a diligência” (MALTHUS, 1983, p. 384).

Porém, a transição demográfica contradisse os argumentos malthusianos. Os humanos contribuíram diretamente através do avanço da ciência, da medicina, da engenharia e de outras contribuições de uma sociedade em evolução.

Os séculos XIX e XX são considerados de transição econômica e demográfica, pois existiu uma mudança de uma sociedade agrária e rural com altas taxas de mortalidade e fecundidade para uma sociedade de cunho urbano e industrial com redução das taxas vitais. Além da importância acadêmica, o estudo entre população e desenvolvimento tem importância prática, com consequências sociais, políticas e ideológicas.

Segundo Garland (2008, p. 181-182):

(...) El primer conjunto de fuerzas – la transición a la modernidad tardía – transformó algunas de las condiciones sociales y políticas de las que dependía el campo del moderno control del delito. También planteó nuevos problemas relativos al delito y la inseguridad, cuestionó la legitimidad y efectividad de las instituciones del welfare y colocó nuevos límites a los poderes de Estado-nación. El segundo conjunto de fuerzas – la política del postwelfarismo – produjo un nuevo conjunto de relaciones de clase y raciales y un bloque político dominante que se definió a sí mismo en oposición al viejo welfarismo y a los ideales sociales y culturales en los que se fundaba.⁶

Há uma dinâmica que vai se alterando ao longo do tempo e deve-se compreender esse movimento, já que a criminalidade não surge com um indivíduo só, mas se constroi ao longo do tempo na sociedade.

Por trás de uma ação criminosa existe uma lógica de sua ocorrência e deve-se buscar essa lógica para entender o que causou o crime. A taxa de crimes, muitas vezes, está relacionada com a fé que a população tem nas instituições de segurança pública.

⁶ (...) o primeiro grupo de forças – a chegada da pós-modernidade – transformou algumas das condições sociais e políticas sobre as quais se assentava o campo do controle do crime moderno. Outrossim, este grupo trouxe novos problemas de crime e insegurança, desafiou a legitimidade e a efetividade das instituições de bem-estar e estabeleceu novos limites aos poderes do Estado-nação. O segundo grupo de forças – as políticas do pós-previdenciário – produziu um novo conjunto de relações raciais e de classe, assim como um bloco politicamente dominante, que se definia como opositor do antigo estilo “previdenciário” e dos ideais sociais e culturais nos quais tal estilo se baseava.

2. INDICADORES DA VIOLÊNCIA

O número de ocorrências criminais observados para cada população seria uma medida sintética para descrever o impacto de determinada ocorrência. Entretanto, não permite a comparação com outras populações, devido à diferença na faixa etária. Uma opção é calcular o número de ocorrências para cada grupo etário. A partir dessa divisão, os locais comparados teriam parâmetros mais iguais, podendo-se calcular a taxa bruta e a taxa específica de mortalidade.

A Taxa Bruta de Mortalidade (TBM) é calculada dividindo-se os óbitos ocorridos em um determinado ano e a população ao meio do ano, multiplicado por mil ou cem mil. Esse fator multiplicativo está relacionado com a natureza da morte, assim, se for por causa natural multiplica-se por mil e se for causa externa, isto é, morte por violência, multiplica-se por cem mil⁷.

A Taxa Específica de Mortalidade (TEM) representa a frequência com que ocorrem os óbitos em uma determinada população, separando-a por faixa etária. Neste caso, divide-se os óbitos ocorridos naquela faixa etária, em um determinado ano, e a população ao meio desse ano, multiplicado por mil ou cem mil.

Pega-se a população ao meio do ano porque estima-se que será a média da população que iniciou o ano e terminou o mesmo, uma vez que ocorrem óbitos e nascimento o ano todo.

2.1. DADOS ESTATÍSTICOS

Existem grandes diferenças estatísticas quando se coloca em comparação áreas geográficas com pequena população e grande população. A estimativa de taxas de mortalidade em áreas de pequena população pode não corresponder à realidade, pois as estimativas tornam-se muito instáveis.

O acréscimo ou decréscimo de um único caso nestas áreas pode causar mudanças radicais nas estimativas. Por exemplo, em uma população de 4.000 habitantes, a ocorrência de um único crime contra a vida neste local levaria a uma taxa de 25 por 100 mil ($TBM = O/P \times 100.000 \rightarrow TBM = 1/4000 \times 100.000 \rightarrow TBM = 100.000/4.000 \rightarrow TBM = 100/4 \rightarrow TBM = 25$). Caso ocorresse mais um evento do interesse, essa taxa passaria para 50 por 100 mil.

Para um município com 20.000 habitantes ficar com a taxa de 25 por 100 mil, deve ocorrer 5 óbitos. Já para a taxa de 50 por 100 mil, neste município devem registrar 10 casos.

⁷ $TBM = O/P \times 1.000$ ou 100.000

É clara a dependência da variância das taxas no tamanho da população. A ideia é corrigir os dados e as taxas para obter novos dados e taxas corrigidas, diminuindo a variabilidade dos números.

3. ÓBITOS POR CAUSAS EXTERNAS

O número de mortes coletado está relacionado com causas violentas, ou seja, qualquer ação ou omissão que resulte em morte. Ficam excluídas as mortes por causas naturais. Portanto, sempre que se falar em óbito, estar-se-á referindo às mortes por causas externas.

O estudo compara as taxas de mortalidade dos municípios de Manaus, Porto Velho e Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011. Neste período, observa-se um aumento nos óbitos ocorridos na cidade de Manaus. Já nas cidades de Porto Velho e Rio Branco, há um aumento até 2010 e posterior declínio em 2011, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 – Número total de óbitos nos anos de 2008 a 2011

Cidades	Anos			
	2008	2009	2010	2011
Manaus	648	748	847	1026
Porto Velho	145	160	203	167
Rio Branco	78	95	99	78

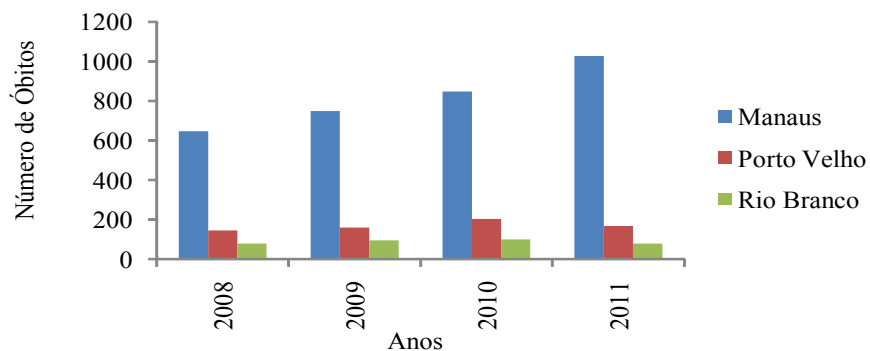
Fonte dos dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS)

O processo ascendente das taxas em Manaus foi contínuo. Nos outros dois municípios foi diferente. Calculando-se a taxa bruta em Porto Velho e Rio Branco, verifica-se que não houve muita variação nesses percentuais, podendo considerar que existe certa estabilidade.

Pode haver inúmeras variáveis para explicar o declínio na taxa de mortalidade em 2011 nas cidades de Porto Velho e Rio Branco, como, por exemplo, políticas de segurança pública, nomeação de policiais, urbanização, geração de emprego, entre outras, mas o importante para o estudo é o número de óbitos pela causa de interesse e a população. Assim, a ocorrência de fatores sazonais pode ter contribuído para a estabilização ou o aumento de mortes num e noutro lugar.

Para uma visualização do efeito sazonal, o gráfico seguinte mostra a variação nos números de óbitos nos municípios em estudo.

Gráfico 2 – Distribuição proporcional dos óbitos por causas externas nos municípios de Manaus, Porto Velho e Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011



Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS)

Para a determinação da existência ou não de tendências significativas de crescimento dos óbitos é necessária a realização de testes estatísticos e interpretação dos dados.

3.1. DADOS DE MANAUS

A população de Manaus, hoje, está estimada em mais de dois milhões de habitantes. Observando dados do IBGE, a população passou de 1.709.010 em 2008 para 1.832.424 em 2011⁸.

A tabela a seguir expõe a população existente por ano e faixa etária detalhada. Observa-se que a faixa etária está dividida em grupos com amplitude de cinco dígitos.

⁸ Dados coletados no sítio eletrônico www.ibge.gov.br, em 15 de novembro de 2013.

Tabela 2 – População residente por ano, segundo faixa etária detalhada, no município de Manaus, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 4	151.695	147.060	162.520	165.263
5 a 9	180.954	178.752	165.911	168.711
10 a 14	178.158	181.770	180.531	183.577
15 a 19	168.227	172.993	175.515	178.476
20 a 24	171.914	169.325	180.683	183.732
25 a 29	181.155	183.463	185.164	188.289
30 a 34	157.112	164.045	167.896	170.730
35 a 39	125.287	130.019	138.742	141.083
40 a 44	105.391	108.158	114.908	116.847
45 a 49	87.394	90.938	92.992	94.561
50 a 54	65.791	69.220	74.744	76.006
55 a 59	46.897	49.692	54.327	55.244
60 a 64	31.376	33.514	38.053	38.695
65 a 69	21.380	22.100	25.642	26.075
70 a 74	15.455	16.072	18.447	18.758
75 a 79	10.060	10.350	12.148	12.353
80 e +	10.764	11.170	13.791	14.024
Total	1.709.010	1.738.641	1.802.014	1.832.424
Idade ignorada	0	0	0	0

Fonte de dados básicos: IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

Como forma de sintetizar e facilitar o estudo, reduzir-se-ão algumas faixas etárias, englobando-as em uma só. Apenas haverá mudança nas idades inferiores e nas superiores. Assim, será trabalhada a faixa etária de 0 a 14 anos e de 60 anos e mais, ficando as demais com a mesma amplitude da tabela anterior, conforme demonstrado abaixo.

Tabela 3 – População residente por ano, segundo faixa etária detalhada, no município de Manaus, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 14	510.807	507.582	508.962	517.551
15 a 19	168.227	172.993	175.515	178.476
20 a 24	171.914	169.325	180.683	183.732
25 a 29	181.155	183.463	185.164	188.289
30 a 34	157.112	164.045	167.896	170.730
35 a 39	125.287	130.019	138.742	141.083
40 a 44	105.391	108.158	114.908	116.847
45 a 49	87.394	90.938	92.992	94.561
50 a 54	65.791	69.220	74.744	76.006
55 a 59	46.897	49.692	54.327	55.244
60 e +	89.035	93.206	108.081	109.905
Total	1.709.010	1.738.641	1.802.014	1.832.424

Fonte de dados básicos: IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

Quanto aos óbitos por causas externas, as estatísticas vitais nas informações de saúde foram coletadas do sítio eletrônico do datasus⁹. Segundo este órgão, as mortes causadas por violência são classificadas como agressões.

Os óbitos também foram separados por ano e faixa etária. A amplitude para cada grupo etário também é de cinco.

Tabela 4 – Número de óbitos segundo faixa etária detalhada, no município de Manaus, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária detalhada	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 4	1	4	4	8
5 a 9	2	1	3	2
10 a 14	11	8	12	10
15 a 19	96	113	126	194
20 a 24	165	187	207	244
25 a 29	129	160	176	213
30 a 34	94	96	109	138
35 a 39	55	57	78	86
40 a 44	30	41	39	47
45 a 49	24	21	41	35
50 a 54	15	26	22	17
55 a 59	9	13	14	14
60 a 64	5	7	0	11
65 a 69	4	5	4	5
70 a 74	3	2	5	0
75 a 79	2	2	3	1
80 e +	1	3	2	0
TOTAL	646	746	845	1025
Idade ignorada	2	2	2	1
Total Geral	648	748	847	1026

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS).

Ocorre que existem óbitos em idade ignorada, devendo haver a correção e distribuição desses, como forma de aproximar ao máximo da realidade. Apenas após a correção é que se poderá calcular a taxa específica de mortalidade. Para realizar essa correção, deve-se dividir o número de óbitos daquele ano e da faixa etária pelo número total de óbitos. A partir desse cálculo, encontrar-se-á em porcentagens o número de mortes, devendo incluir os óbitos em idade ignorada nas faixas etárias de maior porcentagem.

⁹ Consulta ao sítio eletrônico www.datasus.gov.br, em 15 de novembro de 2013.

Tabela 5 – Número de óbitos segundo faixa etária detalhada, no município de Manaus, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária detalhada	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 4	0,002	0,005	0,005	0,008
5 a 9	0,003	0,001	0,004	0,002
10 a 14	0,017	0,011	0,014	0,010
15 a 19	0,149	0,151	0,149	0,189
20 a 24	0,255	0,251	0,245	0,238
25 a 29	0,200	0,214	0,208	0,208
30 a 34	0,146	0,129	0,129	0,135
35 a 39	0,085	0,076	0,092	0,084
40 a 44	0,046	0,055	0,046	0,046
45 a 49	0,037	0,028	0,049	0,034
50 a 54	0,023	0,035	0,026	0,017
55 a 59	0,014	0,017	0,017	0,014
60 a 64	0,008	0,009	0,000	0,011
65 a 69	0,006	0,007	0,005	0,005
70 a 74	0,005	0,003	0,006	0,000
75 a 79	0,003	0,003	0,004	0,001
80 e +	0,002	0,004	0,002	0,000
TOTAL	1,000	1,000	1,000	1,000

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS).

A tabela a seguir mostra os óbitos no município de Manaus por ano e faixa etária, com os percentuais de ocorrência já corrigido.

Tabela 6 – Número de óbitos segundo faixa etária detalhada, no município de Manaus, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária detalhada	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 4	1	4	4	8
5 a 9	2	1	3	2
10 a 14	11	8	12	10
15 a 19	96	113	126	194
20 a 24	166	188	207	244
25 a 29	129	160	176	213
30 a 34	94	96	109	138
35 a 39	55	57	78	86
40 a 44	30	41	39	47
45 a 49	24	21	41	35
50 a 54	15	26	22	17
55 a 59	9	13	14	14
60 a 64	5	7	0	11
65 a 69	4	5	4	5
70 a 74	3	2	5	0
75 a 79	2	2	3	1
80 e +	1	3	2	0
TOTAL	648	748	847	1026

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS).

Também como forma de sintetizar e facilitar o estudo, algumas faixas etárias sofrerão mudanças, englobando-as em uma só como na tabela 3. Assim, será trabalhada a faixa etária de 0 a 14 anos e de 60 anos e mais, ficando as demais com a mesma amplitude da tabela anterior, conforme demonstrado abaixo.

Tabela 7 – Número de óbitos segundo faixa etária detalhada, no município de Manaus, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária detalhada	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 14	14	13	19	20
15 a 19	96	113	126	194
20 a 24	166	188	207	244
25 a 29	129	160	176	213
30 a 34	94	96	109	138
35 a 39	55	57	78	86
40 a 44	30	41	39	47
45 a 49	24	21	41	35
50 a 54	15	26	22	17
55 a 59	9	13	14	14
60 e +	15	19	14	17
TOTAL	648	748	847	1026

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS).

Para se ter detalhes das ocorrências desses óbitos e saber se o número está alto, deve-se proceder ao cálculo da taxa específica. Esta é encontrada através da fórmula $TEM = O/P \times 100.000$. Ou seja, calcula-se a taxa específica de mortalidade através da divisão do número de óbitos pela população, multiplicado por 100 mil¹⁰.

Nesse caso, será dividido o número de óbitos por ano e faixa etária, pela população do respectivo ano e faixa etária. Assim, calcular-se-á a taxa específica de mortalidade para cada ano e faixa etária, alcançando o resultado expresso na tabela a seguir.

Tabela 8 – Taxa específica de mortalidade por causas externas, por 100.000 habitantes, no município de Manaus, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 14	2,75	2,57	3,74	3,87
15 a 19	57,24	65,50	71,96	108,80
20 a 24	96,28	110,73	114,84	132,93
25 a 29	71,43	87,44	95,28	113,23
30 a 34	60,02	58,68	65,07	80,91
35 a 39	44,04	43,96	56,35	61,02
40 a 44	28,55	38,01	34,02	40,26
45 a 49	27,55	23,15	44,19	37,05
50 a 54	22,87	37,66	29,50	22,39
55 a 59	19,25	26,23	25,83	25,37
60 e +	16,90	20,44	12,98	15,48

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS); IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

Esse cálculo terá como resultado o número de óbitos por 100.000 habitantes, naquela faixa etária e ano. Por exemplo, na faixa etária de 0 a 14 anos, a taxa específica é de 2,75 óbitos para uma população de 100 mil habitantes. Na faixa etária de 20 a 24 anos, a taxa é de 132,93 óbitos por 100 mil habitantes, em 2011.

¹⁰ Lembrando que a multiplicação por 100 mil advém do fator morte violenta.

3.2. DADOS DE PORTO VELHO

A população de Porto Velho passou de 379.186, em 2008, para 435.732 em 2011¹¹. Como será visto adiante, os mesmos cálculos realizados no município de Manaus serão realizados para esta cidade. Desta forma, poderá haver posterior comparação entre as taxas de mortalidade.

A tabela a seguir mostra a população separada por ano e faixa etária, já agrupadas conforme a tabela 3.

Tabela 9 – População residente por ano, segundo faixa etária detalhada, no município de Porto Velho, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 14	113.901	113.154	113.689	115.599
15 a 19	38.923	38.515	41.989	42.695
20 a 24	39.416	39.624	46.655	47.440
25 a 29	36.720	37.394	44.191	44.934
30 a 34	31.277	32.328	38.915	39.569
35 a 39	26.668	26.792	32.173	32.714
40 a 44	24.603	24.791	28.970	29.457
45 a 49	20.605	21.308	24.829	25.247
50 a 54	15.262	15.991	19.422	19.749
55 a 59	10.949	11.589	13.541	13.769
60 e +	20.862	21.939	24.153	24.559
Total	379.186	383.425	428.527	435.732

Fonte de dados básicos: IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

O número de óbitos também foi separado por ano e faixa etária¹². Foi realizada a correção dos dados pois havia ocorrência de mortes com idade ignorada, sendo feito o mesmo procedimento realizado para o município de Manaus.

Tabela 10 – Número de óbitos segundo faixa etária detalhada, no município de Porto Velho, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 14	5	6	4	4
15 a 19	29	38	28	27
20 a 24	26	33	45	27
25 a 29	19	21	31	23
30 a 34	11	21	29	26
35 a 39	19	15	18	17
40 a 44	7	8	9	11
45 a 49	8	5	14,5	13
50 a 54	6	6	10	7
55 a 59	5	0	6	2
60 e +	10	6	8	7
TOTAL	145	160	203	167

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS).

¹¹ Consulta realizada no sítio eletrônico www.ibge.gov.br, em 15 de novembro de 2013.

¹² Dados coletados no sítio eletrônico www.datasus.gov.br, em 15 de novembro de 2013.

Após a correção, chega-se ao número de óbitos por grupos de idades detalhados e ano. Assim, tem-se como calcular a taxa específica de mortalidade do município de Porto Velho por faixa etária detalhada e ano. A tabela a seguir mostra o resultado deste cálculo.

Tabela 11 – Taxa específica de mortalidade por causas externas, por 100.000 habitantes, no município de Porto Velho, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 14	4,39	5,40	3,64	3,52
15 a 19	74,51	97,90	66,60	64,40
20 a 24	65,96	82,30	95,46	57,96
25 a 29	51,74	57,23	70,31	52,12
30 a 34	35,17	66,20	74,52	66,91
35 a 39	71,25	57,06	54,73	52,92
40 a 44	28,45	32,89	32,18	38,03
45 a 49	38,83	23,91	58,40	52,43
50 a 54	39,31	38,24	53,33	36,09
55 a 59	45,67	0,00	45,89	14,79
60 e +	47,93	27,87	34,31	29,02

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS); IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

O município de Porto Velho, assim como outros, possui suas peculiaridades. Apesar de ter uma população pequena, há um número expressivo de óbitos. Isso faz com que a taxa específica de mortalidade seja alta para algumas faixas etárias.

3.3. DADOS DE RIO BRANCO

Como cidade menor e menos populosa, aparentemente seria a menos violenta. Ela possui o menor número de habitantes dentre as três cidades estudadas. Para se ter uma ideia, a população em 2008 do município de Porto Velho (379.186) é maior que a de Rio Branco em 2011 (342.299).

Segundo dados do IBGE¹³, a população de Rio Branco em 2008 era de 301.398, passando em 2011 a 342.299 habitantes. A tabela a seguir contabiliza a população, separando-a por ano e faixa etária como nos municípios anteriores.

¹³ Consulta realizada no sítio eletrônico www.ibge.gov.br, em 15 de novembro de 2013.

Tabela 12 – População residente por ano, segundo faixa etária detalhada, no município de Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 14	95.943	96.016	98.123	99.951
15 a 19	30.165	30.409	33.876	34.508
20 a 24	30.575	30.307	34.050	34.684
25 a 29	30.092	30.599	33.720	34.348
30 a 34	25.481	26.548	30.090	30.651
35 a 39	20.580	21.048	24.122	24.571
40 a 44	17.293	17.908	20.816	21.204
45 a 49	13.913	14.235	16.157	16.458
50 a 54	11.172	11.635	13.282	13.529
55 a 59	8.314	8.705	10.182	10.372
60 e +	17.870	18.541	21.620	22.023
Total	301.398	305.951	336.038	342.299

Fonte de dados básicos: IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

Seguindo-se o procedimento anteriormente adotado, coletou-se o número de mortes, separando-o por ano e faixa etária, conforme a tabela a seguir. Procedeu-se à correção dos dados devido a óbitos com idade ignorada.

Tabela 13 – Número de óbitos segundo faixa etária detalhada, no município de Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 14	0	3	1	0
15 a 19	11	13	18	3
20 a 24	16	16	11	13
25 a 29	16	14	18	15
30 a 34	14	18	15	14
35 a 39	6	7	16	12
40 a 44	7	4	7	8
45 a 49	2	6	4	5
50 a 54	4	3	2	1
55 a 59	1	5	4	2
60 e +	1	6	3	3
TOTAL	78	95	99	78

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS).

Dessa forma, chega-se a dados corrigidos e separados por ano e faixa etária, podendo calcular a taxa específica para esse município.

Como apresentado anteriormente, a taxa específica de mortalidade será obtida da divisão do número de óbitos, segundo a faixa etária, pela população daquela faixa etária, multiplicado por 100 mil. A tabela a seguir apresenta o resultado desse cálculo.

Tabela 14 – Taxa específica de mortalidade por causas externas, por 100.000 habitantes, no município de Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011

Faixa Etária	Anos			
	2008	2009	2010	2011
0 a 14	0,00	3,12	1,02	0,00
15 a 19	11,47	13,54	18,34	3,08
20 a 24	16,68	16,66	11,21	13,35
25 a 29	16,68	14,58	18,34	15,40
30 a 34	14,59	18,75	15,29	14,38
35 a 39	6,25	7,29	16,31	12,32
40 a 44	7,30	4,17	7,13	8,21
45 a 49	2,08	6,25	4,08	5,13
50 a 54	4,17	3,12	2,04	1,03
55 a 59	1,04	5,21	4,08	2,05
60 e +	1,04	6,25	3,06	3,08

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS); IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

Com a obtenção das taxas específicas de mortalidade de cada município, proceder-se-á à comparação, como forma de verificar os índices de ocorrências das mortes.

4. COMPARATIVO DA TAXA DE MORTALIDADE

Analisando as taxas de mortalidade dos municípios estudados, serão observadas diferenças acentuadas. Comparando-se a taxa bruta, Manaus e Porto Velho terão a maior incidência, enquanto Rio Branco terá a menor. Porém, isso não expõe a realidade e os problemas locais.

Para não haver erros na hora de indicar qual a cidade mais violenta ou onde aplicar políticas públicas mais específicas, tabelas e gráficos comparativos da taxa específica de mortalidade mostrarão os números de ocorrências do evento estudado em um determinado grupo de idade.

A faixa etária pode variar de acordo com os interesses e planejamentos do Estado.

4.1. TAXA BRUTA DE MORTALIDADE

A taxa bruta de mortalidade é o somatório dos óbitos ocorridos naquele ano. Esse somatório pode não condizer com a realidade de uma cidade em comparação com outra, pois as populações são diferentes.

A tabela a seguir separa o número total de óbitos por ano e cidade.

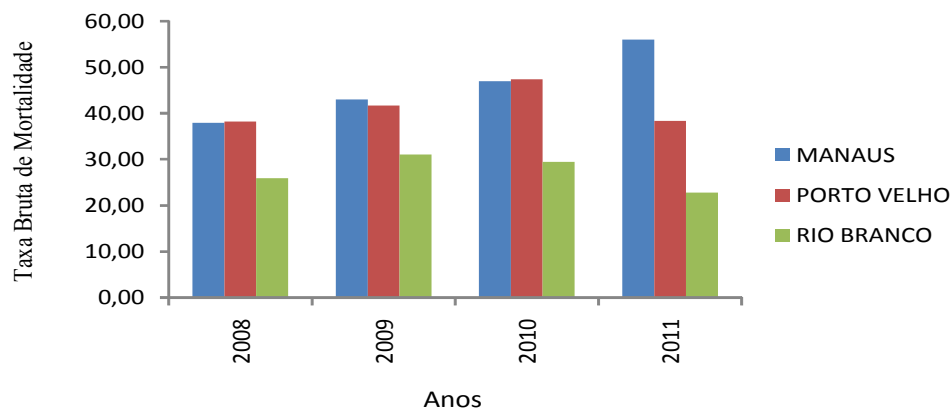
Tabela 15 – Taxa bruta de mortalidade por causas externas, por 100.000 habitantes, nos municípios de Manaus, Porto Velho e Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011

CIDADES			
ANOS	MANAUS	PORTO VELHO	RIO BRANCO
2008	37,92	38,24	25,88
2009	43,02	41,73	31,05
2010	47,00	47,37	29,46
2011	55,99	38,33	22,79

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS); IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

Observando a tabela, verifica-se que em 2008 houve maior número de ocorrências em Porto Velho (38,24), seguido de Manaus (37,92) e Rio Branco (25,88). Desta observação, poder-se-ia concluir que a cidade mais violenta foi Porto Velho e a menos violenta, Rio Branco. O gráfico a seguir mostra a variação de forma mais perceptível.

Gráfico 3 – Taxa bruta de mortalidade por causas externas, por 100.000 habitantes, nos municípios de Manaus, Porto Velho e Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011



Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS); IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

Fazendo a mesma comparação em 2009, Manaus seria considerada a de maior evento mortes, ficando Rio Branco em último. Entretanto, em 2010, Porto Velho voltaria ao topo de óbitos violentos, seguido por Manaus e Rio Branco. Já em 2011, Manaus poderia ser vista como a mais violenta e Rio Branco a menos.

4.2. TAXA ESPECÍFICA DE MORTALIDADE

Quando se quer comparar dois ou mais objetos de estudo, deve-se proceder a cálculos estatísticos como forma de melhor observá-los. Os detalhamentos é que farão a melhor comparação num estudo entre regiões.

Como forma de comparação entre os municípios estudados, a taxa específica de mortalidade serve de melhor observação. Isso porque as idades estarão separadas em grupos, podendo comparar as taxas para cada faixa etária. Como se verá a seguir, as tabelas e os gráficos fazem comparações detalhadas.

Tabela 16 – Taxa específica de mortalidade por causas externas, por 100.000 habitantes, nos municípios de Manaus, Porto Velho e Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011

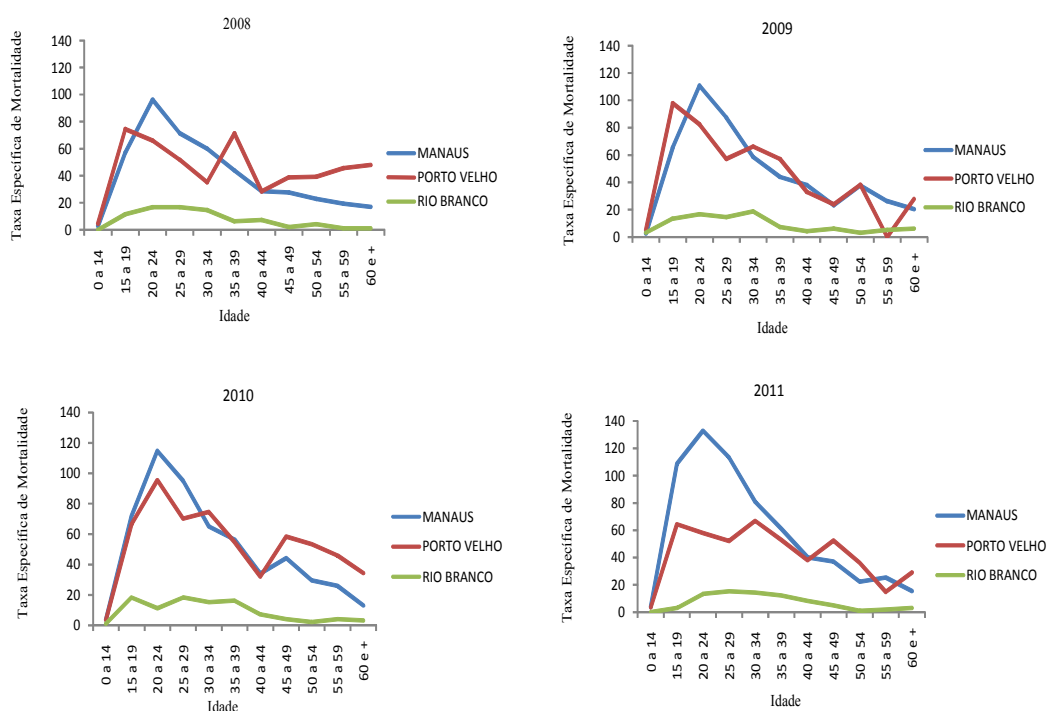
2008				2009			
Faixa Etária	CIDADES			Faixa Etária	CIDADES		
	MANAUS	PORTO VELHO	RIO BRANCO		MANAUS	PORTO VELHO	RIO BRANCO
0 a 14	2,75	4,39	0,00	0 a 14	2,57	5,40	3,12
15 a 19	57,24	74,51	11,47	15 a 19	65,50	97,90	13,54
20 a 24	96,28	65,96	16,68	20 a 24	110,73	82,30	16,66
25 a 29	71,43	51,74	16,68	25 a 29	87,44	57,23	14,58
30 a 34	60,02	35,17	14,59	30 a 34	58,68	66,20	18,75
35 a 39	44,04	71,25	6,25	35 a 39	43,96	57,06	7,29
40 a 44	28,55	28,45	7,30	40 a 44	38,01	32,89	4,17
45 a 49	27,55	38,83	2,08	45 a 49	23,15	23,91	6,25
50 a 54	22,87	39,31	4,17	50 a 54	37,66	38,24	3,12
55 a 59	19,25	45,67	1,04	55 a 59	26,23	0,00	5,21
60 anos e +	16,90	47,93	1,04	60 e +	20,44	27,87	6,25

2010				2011			
Faixa Etária	CIDADES			Faixa Etária	CIDADES		
	MANAUS	PORTO VELHO	RIO BRANCO		MANAUS	PORTO VELHO	RIO BRANCO
0 a 14	3,74	3,64	1,02	0 a 14	3,87	3,52	0,00
15 a 19	71,96	66,60	18,34	15 a 19	108,80	64,40	3,08
20 a 24	114,84	95,46	11,21	20 a 24	132,93	57,96	13,35
25 a 29	95,28	70,31	18,34	25 a 29	113,23	52,12	15,40
30 a 34	65,07	74,52	15,29	30 a 34	80,91	66,91	14,38
35 a 39	56,35	54,73	16,31	35 a 39	61,02	52,92	12,32
40 a 44	34,02	32,18	7,13	40 a 44	40,26	38,03	8,21
45 a 49	44,19	58,40	4,08	45 a 49	37,05	52,43	5,13
50 a 54	29,50	53,33	2,04	50 a 54	22,39	36,09	1,03
55 a 59	25,83	45,89	4,08	55 a 59	25,37	14,79	2,05
60 e +	12,98	34,31	3,06	60 e +	15,48	29,02	3,08

Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS); IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

Calculando-se as taxas específicas, chega-se a números mostrados nas tabelas. Esses resultados são melhor interpretados nos gráficos, pois consegue-se verificar, com mais clareza, a variação dos óbitos ocorridos conforme faixa etária, levando em conta a população existente.

Gráfico 4 – Taxa específica de mortalidade por causas externas nos municípios de Manaus, Porto Velho e Rio Branco, nos anos de 2008 a 2011



Fonte de dados básicos: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS); IBGE – Censos Demográficos e estimativas populacionais.

No ano de 2008 em Manaus, há um crescimento no número de mortes, tendo o seu ápice na faixa etária de 20 a 24 anos, com 96,28 óbitos por 100.000 habitantes. Nos grupos etários seguintes, essa taxa diminui conforme a idade aumenta. Em Porto Velho, o maior número de mortes ocorre entre as idades de 15 a 19 anos com a taxa de 74,51, havendo um declínio e novo aumento na faixa etária de 35 a 39 anos (71,25). Nesse mesmo ano, no município de Rio Branco há dois grupos etários com maior incidência do evento. A taxa foi de 16,68 para os grupos de 20 a 24 e 25 a 29 anos.

Quando se observa o ano de 2009, o maior taxa em Manaus continua no grupo de 20 a 24 anos com 110,73 óbitos por 100.000 habitantes. Porto Velho também possui sua maior incidência na mesma faixa etária do ano anterior, ou seja, 15 a 19 anos, com taxa de 97,90. Rio Branco, por sua vez, apresenta a maior taxa, 18,75, na faixa etária de 30 a 34 anos.

Houve uma mudança em 2010 nas cidades de Porto Velho e Rio Branco quanto à maior taxa. Porto Velho apresenta o grupo de 20 a 24 anos com taxa de 95,46, enquanto que em Rio Branco há dois grupos com 18,34, sendo o de 15 a 19 e o de 25 a 29 anos. Manaus possui a maior incidência na faixa etária de 20 a 24 anos com 114,84.

Por fim, em 2011, Manaus contabilizou 132,93 óbitos por 100.000 habitantes, na faixa etária de 20 a 24 anos. Porto Velho teve uma taxa de 66,91 no grupo de 30 a 34 anos e Rio Branco, 15,40, nas idades de 25 a 29 anos.

Dessa maneira, consegue-se observar quais os grupos com maior incidência do evento estudado e onde as políticas públicas devem ser aplicadas de forma mais urgente ou de forma mais específica.

CONCLUSÃO

Basear-se apenas no cálculo obtido com a taxa bruta retrata uma visão errônea da realidade, pois os números estão escamoteados pelo somatório de óbitos, sem fazer comparações detalhadas nos grupos etários.

Assim, comparando o gráfico 3, poder-se-ia falar que Manaus seria a cidade mais violenta, tendo por base a taxa bruta de mortalidade. Porém, se compararmos a taxa específica, verifica-se que, dependendo da faixa etária, outro município apresenta uma taxa maior e, por conseguinte, seria mais violento que os outros nesse grupo detalhado. Como exemplo, na tabela 16 observa-se que em 2008, na faixa etária de 55 a 59 anos, Porto Velho tem a maior taxa, com 45,67 óbitos por 100.000 habitantes. Em 2009, no grupo de 0 a 14 anos, a menor taxa é de Manaus com 2,57, sendo superada pela de Rio Branco que é de 3,12 e de Porto Velho com 5,40. Seguindo o raciocínio, Porto Velho apresenta o maior índice em 2010, com 53,33 no grupo de 50 a 54 anos. E no ano de 2011, nas idades superiores a 59 anos, Porto Velho apresentou uma taxa de 29,02 óbitos por 100.000 habitantes, superando Manaus com 15,48 e Rio Branco com 3,08.

Neste diapasão, observam-se diferenças nas comparações baseadas na taxa bruta e taxa específica de mortalidade, podendo-se chegar a conclusões diferentes, conforme a pesquisa realizada.

Contudo, a importância do estudo não reside em saber qual capital é mais violenta. O estudo detalhado dos números de óbitos por causas externas mostra onde as políticas públicas devem ser implementadas com maior rigor.

Se o objetivo da política de segurança é reduzir o número de mortes violentas, pode-se estudar em que faixa etária está ocorrendo maior número de eventos e formular ideais mais específicos para aquelas idades. Uma diretriz ampla não é mais efetiva que aquela voltada para a classe mais vulnerável.

A proposta apresentada é de demonstrar a forma correta de se interpretar e comparar dados estatísticos coletados em lugares e períodos específicos, com o objetivo de melhores formulações e implementações das políticas públicas.

Necessário que o Estado compreenda o objeto a ser atacado ao elaborar as políticas desenvolvimentistas, identificando as causas da concentração dos óbitos em determinadas idades específicas, promovendo as estratégias adequadas ao seu enfrentamento, visando a diminuição destes índices tão alarmantes.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Polêmica Malthus Versus Condercet Reavaliada à Luz da Transição Demográfica**. Textos para discussão, número 4. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br>>.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

CALDWELL, John Charles. **The globalization of fertility behavior**. Population and Development Review, New York, v. 27, 2001.

_____. **Theory of fertility decline**. London: Academic, 1982.

FELITTI, Karina Alejandra. **Natalidad, Soberania y Desarrollo: las medidas restrictivas a la planificación familiar en el tercer gobierno peronista (Argentina, 1973-1976)**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 2, maio/ago. 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2008000200011&lng=pt&nr m=iso&tlng=es>. Acesso em: 10 de outubro de 2013. p. 517-537.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, I: a vontade de saber**. 15ª ed. Tradução Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GARLAND, David. **A Cultura do Controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. Tradução, apresentação e notas André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

HAKKERT, Ralph. **Trends and differentials of mortality in Brazil 1950 to 1975**. Tese de Doutorado. Faculty of the Graduate School, Cornell University, 1984.

MAGALHÃES, Luís Carlos. **Análise Criminal e Mapeamento da Criminalidade – GIS**. In: Fórum Internacional de Gestão Integrada, 2007, São Luis-MA. Disponível em: <<http://www.policiaeseguranca.com.br/gis.htm>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2014.

MALTHUS, T. R. **Ensaio Sobre a População**. São Paulo: Abril Cultura, 1983.

NASCIMENTO, Antônio Gelson de Oiveira. **Vidas Perdidas Precocemente**: o impacto da violência na expectativa de vida da população manauara. Manaus, UEA Edições, 2013.

ONU- © Oficina de las Naciones Unidas contra la Droga y el Delito (UNODC) 2011 - 2011 **ESTUDIO MUNDIAL SOBRE EL HOMICIDIO** TENDENCIAS, CONTEXTOS, DATOS – obra prefaciada por Yury Fedotov Director Ejecutivo, disponível em: <http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/statistics/Homicide/Globa_study_on_homicide_2011_web.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. **A Mortalidade Infantil na Transição da Mortalidade no Brasil**: um estudo comparativo entre o Nordeste e o Sudeste. 1997. 178f. Tese Doutorado – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

TEODORO, Warlen Soares e SANTOS JR, Waldir Miguel. **Morte Violenta**: além dos números jurídicos. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/40.pdf>>. Acesso em 20 de janeiro de 2014.